



Saburo Onoyama é parte da história de Brasília. O filho, Yoshiaki, segue-lhe os passos

SABURO ONOYAMA

O "mago da Agricultura" trouxe ao Brasil, há 34 anos, técnica, perseverança. E ensinou a muitos como tirar o melhor proveito da natureza

Quem já viu abacate sem caroço, goiaba de quase dois quilos, ou um lírio produzir 360 flores, quando em condições normais só dá uma? Para Saburo Onoyama isso nunca foi novidade, nem mesmo produzir 63 quilos de batata-doce numa área de dois metros quadrados. Aliás, a natureza nunca teve segredos para o engenheiro agrônomo, químico e apaixonado pela genética das plantas, com quem sempre teve uma identidade tão grande que, segundo seu filho Yoshiaki Onoyama, fazia jus ao apelido que os brasileiros lhe deram: "O mago da agricultura".

Hoje, com 84 anos de idade, 34 dos quais passados no Brasil, o Dr. Saburo Onoyama, como é chamado por quem o conhece como cientista reconhecido internacionalmente, não pode mais viver em companhia de sua amiga natureza. Acometido de uma paralisia que o impede até mesmo de falar, afastou-se de qualquer atividade desde 1982, sendo substituído pelo filho mais velho.

Saburo Onoyama chegou ao Brasil, juntamente com a família, em 1954, atendendo a um convite da Cooperativa Central de São Paulo, depois de ter recusado tentadoras ofertas do líder nacionalista chinês, Chiang Kai-shek, e do próprio governo de seu país, instalando-se na cidade de Bastos, interior de São Paulo. O filho Yoshiaki, à época com 18 anos, conta que o começo foi difícil. "Meu pai teve que entrar no Brasil como imigrante, sem declarar sua condição de cientista, pois as autoridades brasileiras não queriam gente de nível superior".

Sem poder exercer atividades acadêmicas e obrigado a ganhar o sustento da família trabalhando como lavrador, ganhando menos que um trabalhador braçal brasileiro, Saburo Onoyama não perdeu o espírito de cientista. Pelo contrário, sua passagem pela região de Bastos foi tão importante que, quando recebeu a oferta do ex-presidente Jusce-

lino Kubitschek para vir a Brasília formar o chamado "cinturão verde" para abastecer a capital, as lideranças rurais da cidade paulista fizeram de tudo para impedir que ele saísse da região, chegando a oferecer-lhe até mesmo terras para suas pesquisas e para o sustento da família.

Contudo, o desafio sempre esteve presente na vida desse cientista, que aprendeu a conhecer o Brasil quando pesquisava plantas tropicais na Universidade Imperial japonesa em Formosa, durante a ocupação dessa ilha pelo Japão e onde permaneceu, em companhia de vários outros cientistas, de 1930 a 1946. Desde orientar a implantação de fábricas em vários pontos do Japão, Coréia e Formosa, e até ser convocado pelo governo do seu país para resolver o problema da fome dos soldados japoneses nas ilhas do Pacífico, quando o Japão já tinha perdido o controle da situação na Segunda Guerra Mundial, Saburo Onoyama soube deixar a marca do seu idealismo e de sua boa vontade no que se propunha a fazer.

A chegada a Brasília, em 1958, foi marcada pelo não cumprimento das promessas feitas, o que obrigou a família a gastar suas economias para sobreviver. Enquanto o cientista trabalhava no campo experimental, o filho mais velho Yoshiaki e os irmãos Mtsue, Yoko, Yoshiko, Chieko, Shigeki, Yoshiro e Yuki, além da mãe Fumie Onoyama, já falecida, tratavam de reunir recursos para formar a Chácara Onoyama.

O sonho da terra prometida só aconteceu em 1960, quando Taguatinga tinha apenas 150 casas de adobe. "A terra, sem água, era árida e só dava capim. Não tinha uma árvore sequer", conta Yoshiaki Onoyama, lembrando de ter ido ao Núcleo Bandeirante buscar mudas de eucaliptos para formar uma proteção natural na chácara. O trabalho começou e a família tirava o sustento da terra, Saburo Onoyama da-

va vazão à sua capacidade científica e ao seu idealismo, realizando experiências genéticas e obtendo resultados tão surpreendentes à época que logo a chácara ficou conhecida entre pessoas importantes do Rio e São Paulo, entre os quais políticos e até presidentes da República, sem falar em técnicos e cientistas.

A chácara Onoyama tornou-se uma espécie de atração turística da nova capital do Brasil, ponto de visitação obrigatória para muitas autoridades. Entre os que passaram por ali destacam-se o príncipe herdeiro do Japão, Hakihiro, o príncipe Mikasa, também do Japão, além dos presidentes Juscelino Kubitschek, Castello Branco, Costa e Silva, Emilio Médici e Ernesto Geisel. "Ele não falava português, mas todo mundo o entendia, como se houvesse uma comunicação espiritual", lembra Yoshiaki Onoyama, o filho mais velho, procurando esconder a emoção que lhe causa falar do pai.

Saburo Onoyama, "o mago da agricultura", foi o primeiro homem a provar, justamente aqui em Brasília, a possibilidade de aproveitamento das terras do cerrado para a agricultura, transformando uma grande área, onde só nascia capim, numa exuberante chácara, a primeira da região a produzir uva, pêssego, caqui, castanha-portuguesa, goiaba e outras frutas típicas de outras regiões. Foi também a primeira a usar a adubação líquida e o sistema de irrigação por aspersores.

Hoje, voltada praticamente para a produção de plantas ornamentais, a família Onoyama tem à frente o filho mais velho, Yoshiaki, auxiliado pela esposa Maria Krystina, uma goiana de Anápolis descendente de franceses e poloneses. As pesquisas genéticas pararam com a doença do velho cientista, mas Yoshiaki garante que pretende não deixar morrer a tradição da família.

Definições de Onoyama

AMIZADE — Quando chegamos ao Brasil não falávamos português. Mesmo assim sempre fomos tratados pelos brasileiros que nos trataram com carinho e respeito. O afeto e o calor da amizade cobrem qualquer problema do dia-a-dia e superam a barreira da língua.

FAMÍLIA — É o núcleo de qualificação social. O amor que une as famílias brasileiras é igual àquele que encontramos nas famílias japonesas, o que nos identifica. Dizem que ela está em crise, mas acreditamos que ela continua tão forte como sempre esteve.

BRASÍLIA — Impossível deixar de sentir a energia transcendente que emana do Planalto Central. Ela ainda é a Capital da Esperança, apesar da correria atrás do dinheiro e da perda de parte do idealismo que marcou sua implantação.

IDEALISMO — Deus dá a todo homem uma missão. O idealismo no cumprimento dessa missão aquece o coração e nos aproxima do Criador.

BRASILEIRO — Um povo de coração aberto, de bons princípios, amigo e prestativo. Infelizmente hoje em dia só falamos dos defeitos do brasileiro. Precisamos nos recordar

do que de bom há nesse povo ao qual agora pertencemos.

RELIGIÃO — Acreditamos que a vida não começa e também não termina aqui. Deus está presente em cada homem e a forma de cultivar essa presença depende da consciência de cada um.

GUERRA — Ela não escolhe suas vítimas e quando acaba, sempre há uma justificativa. Ela mata a criança e o velho, a árvore e a flor. Não tem espaço para a tristeza da mãe ou da namorada e nem para o desespero dos filhos.

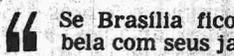
ENERGIA NUCLEAR — Um dragão muito grande que ninguém sabe quando vai despertar e quanto isto custará ao ser humano.

CONSTITUINTE — A ansia por uma vida melhor é inerente a todo ser humano. Mas o estabelecimento das leis e de um povo deve ser isento de demagogia. Veja a natureza, cujas leis estão estabelecidas há tanto tempo e, se soubermos usá-las, sem ferir seus princípios, ela nos responde com abundância e exuberância. Não podemos estabelecer, por exemplo, quantas horas devemos trabalhar por dia. Fixar um determinado número de horas de trabalho, por exemplo, é demagogia. Precisamos trabalhar mais. O trabalho não faz mal a ninguém; pelo contrário.

Imagem

“O Onoyama em 58, quando eu era do Departamento de Terras da Novacap. Não tinha uma pessoa que não gostasse de trabalhar com aquele japonês trabalhador, perseverante e extremamente inteligente. Foi na visita do filho do imperador do Japão, quando fizemos uma festa para ele no Núcleo Bandeirante, que fiquei sabendo o quanto Saburo Onoyama era benquisto em sua terra natal, o Japão, onde sua família tinha tradição. Aprendi muito com ele sobre agricultura. Uma figura humana, prestativa, como só podem ser as pessoas que mexem com a terra, plantam flores e as distribuem. O Israel Pinheiro gostava muito dele. Eu até pensei em criar uma fundação com o nome de Onoyama, visando reunir todo o seu trabalho, hoje praticamente perdido”.

(Inácio Lima Ferreira, engenheiro e pioneiro)



“Se Brasília ficou mais bela com seus jardins floridos, sem dúvida foi graças ao trabalho de Saburo Onoyama e sua família, que aqui fincou raízes desde 1958, começando com seu canteirinho, que acabou se transformando numa chácara, que é hoje um oásis entre o concreto aparente, um jardim colorido e perfumado. Sem dúvida, a Corte muito deve a esse grande pioneiro, que só soube fazer Brasília mais bonita”.

(Gilberto Amaral, colunista social e pioneiro)

